

O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye.

The Three Dimensional Game: the Hard Power, the Soft Power and the Complex Interdependence, according to Joseph Nye.

Caio Barbosa Martinelli¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo definir e diferenciar os conceitos de Hard Power e Soft Power, conforme concebidos por Joseph Nye, o qual compreende a política internacional e sua relação de poder entre os atores internacionais dentro da perspectiva de um Tabuleiro de Xadrez Tridimensional em três camadas de três níveis de poderes.

Palavras-Chave: *Hard Power; Soft Power; Interdependência Complexa.*

ABSTRACT

This article aims to define and differentiate the concepts of Hard Power and Soft Power, as designed by Joseph Nye, which comprises international politics and its relationship of power between the international actors within the perspective of a Three Dimensional Chess Board in three layers of three levels of power

Key-words: Hard Power; Soft Power; Complex Interdependence.

INTRODUÇÃO

No mundo da política globalizada, a manutenção do poder se faz cada vez mais complexa e interconectada. Os poderes coercitivos não são os únicos que articulam as influências e passam a se ver obrigados a dividir espaço com tipos de recursos mais intangíveis e sedutores. Para que o poder seja bem aplicado e o jogador tenha a possibilidade e a capacidade de desequilibrar a balança do poder ao seu favor e se torne, ou se mantenha, como potência hegemônica, ele deve aprender a se articular dentro desse jogo.

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela UNAERP (Universidade de Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, Brasil.

Procuraremos esclarecer o que é esse poder coercitivo denominado Hard Power e como ele atua na política globalizada, tendo correlação direta com os recursos mais intangíveis e sedutores, conhecidos como Soft Power. Após o entendimento de ambos, voltaremos a atenção para que seja possível compreender a forma como esses dois poderes são utilizados na política internacional, quem os utiliza e com qual objetivo. Sabendo que a utilização de tais poderes, segundo Nye, é aplicada dentro da teoria do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional, esclareceremos o que é e como ele e cada uma de suas três camadas funcionam.

Os conceitos de Hard Power e Soft Power a serem explicados neste artigo são de autoria de Joseph Nye, utilizados na obra *“O Paradoxo do Poder Americano”*, para analisar como estas fontes de poder atuam nas relações de poder e na hegemonia do poder dos Estados Unidos. Nye se utiliza de uma metáfora para expor a relação do jogo de poder internacional de uma forma a fragmentá-la nestes três níveis para melhor delimitar e evidenciar a forma de se jogar. Essa metáfora é um tabuleiro de xadrez onde se joga em três níveis, ou camadas diferentes. O Hard Power e o Soft Power passam a ter um peso igual dentro do Sistema Internacional. O jogo de poder que é articulado no Tabuleiro de Xadrez Tridimensional, onde cada camada exige a “peça” e a “jogada certa”.

Para que se compreenda como o Hard Power e o Soft Power são articulados dentro do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional, é necessário compreender o que é, o que define e o que delimita o Hard Power e o Soft Power. Esses dois tipos de poderes, como veremos, podem ser utilizados por atores, entendidos como entes que possuem participação, de fato, nos processos e acontecimentos no cenário internacional. Os atores se dividem entre: estatais, aqueles que têm soberania e legitimidade no uso da força, além do controle sobre a população e o território; e atores não-estatais, entendidos como não soberanos em relação ao uso da força, à população e ao território. Os atores não-estatais estão, principalmente, ligados ao tipo de poder relacionado ao Soft Power, como expoentes de ideologias, divulgadores de conhecimento, de estilo de vida, sendo eles indivíduos independentes ou organizados, como em ONGs dos mais variados tamanhos, e em outros tipos de grupos ideológicos.

Parêntesis Teórico

Joseph Nye escreveu o livro *“O Paradoxo do Poder Americano”* em 2002, logo após o atentado de 11 de setembro de 2001, como forma de entender como a maior potência militar do globo se viu tão vulnerável a um ataque dentro de seu próprio território. A obra de Nye ilustra a maneira como ao mesmo tempo em que os Estados Unidos precisam se manter imponentes diante de possíveis ameaças a sua hegemonia, e agir de forma a não eliminar outros jogadores por completo. A forma pela qual os Estados Unidos devem se manter no poder, sem destruir os outros jogadores e não se tornarem um alvo para esses, passa pelos conceitos de Hard Power e Soft Power e como utiliza-los. Este segundo se conecta diretamente com o livro de Nye de 2004, intitulado *“Soft Power: The Means to Success in World Politics”*, obra que autor elucida e exemplifica de forma mais ampla o conceito e sua aplicação.

Na obra de 2002, Nye explica porque o poder americano passa por um paradoxo. Dentro do Sistema Internacional os Estados se relacionam em uma Interdependência Complexa. Tal teoria foi proposta por Joseph Nye e Robert Keohane (2001). Para que se entenda o Paradoxo do Poder Americano, é de fundamental compreensão a forma pela qual os Estados se relacionam e, assim, se tornam interdependentes. Nye e Keohane definem tal interdependência de acordo com três principais características.

(1) a primeira afirma que os Múltiplos Canais conectam sociedades. Esses canais são mostrados em três atos: interestatais, transgovernamentais e relações transnacionais, ou seja, qualquer ato bilateral ou multilateral que seja interestatal, transgovernamental ou uma relação transnacional, independente do ator que a exerça, será uma ação característica dos Múltiplos Canais; (2) a segunda característica da Interdependência Complexa diz que a agenda das relações interestatais não está organizada de maneira hierarquicamente clara, isso quer dizer que a segurança militar não, necessariamente, é o tema dominante da agenda, a questão da agenda vai depender de acordo com o grau de interesse que o tema traz para os Estados; (3) a terceira e última característica é definida pela não utilização da força militar de um governo em direção a outro ator quando a Interdependência Complexa prevaleça na região de interesse deste Estado. Nye e Keohane exemplificam que uma questão econômica entre parceiros não é interessante de ser resolvida militarmente, porém, a força militar de um

governo direcionado a outro pode ser utilizada de forma interessante na condição que esse ato seja focado em um bloco ou ator rival.

Hard Power

O Hard Power como um todo, pode ser entendido como algo direto e mais perceptível por conta de suas ações concretas, podendo ser dividido em duas vertentes que se diferenciam e se complementam. A primeira é toda a esfera que o campo militar abrange dentro da articulação bélica de um ator. O Hard Power em sua vertente militar vai além do simples fato do conflito armado em si. As guerras e intervenções se enquadram nesta parte do conceito, mas não atuam de forma exclusiva. A coerção, indução e dissuasão podem ser vistas como Hard Power militar. Durante uma guerra, um Estado que se encontra em posição de subjugar um outro tem a capacidade, ligada a ameaça, medo ou punição, de persuadir, dissuadir ou induzir, para que o Estado subjogado faça o que o subjugador deseja (NYE, 2002). Sendo o Estado o único detentor legítimo da força sua articulação se restringe aos atores estatais.

Um bom exemplo é o Acordo de Munique de 1938 que foi uma forma de articular o Hard Power militar sem que se necessite do conflito, dado que o acordo cedia à Alemanha Nazista parte do território da então Tchecoslováquia, sem o consentimento da mesma. Tal fato pode ser efetivado pelo medo de que houvesse uma nova guerra mundial, já que a França e a Grã-Bretanha, as potências vencedoras da Primeira Grande Guerra assinaram o acordo para evitar que um possível conflito se instalasse (HOBSBAWM, 2002, p.44 e 152).

Os desfiles militares em grandes avenidas de países são formas de demonstrar esse poder. Estas práticas eram utilizadas com frequência em regimes Comunistas como o chinês e o soviético, principalmente durante a Guerra Fria, para intimidar inimigos, dissuadir revoluções internas e induzir aliados do regime. É importante ressaltar que a prática do Hard Power militar não é exclusivamente agressiva, ela pode ser, por vezes,

vista como uma forma de defesa, para que se evitem ataques, para que se formem alianças ou outros tipos de diplomacias belicamente estratégicas (NYE, 2004, p.31).

A relação do Hard Power com a vertente econômica gira em torno do potencial econômico de um ator e da capacidade de articulação de temas ligados à economia. Dentre eles, instrumentos como sanções, embargos, suspensão de subsídios, parcerias e investimentos. A vertente econômica do Hard Power exige um nível de articulação que vai além do volume econômico em si como é no caso do PIB. Uma grande quantia de dinheiro bruta pode ser mal aplicada, investida sem estudos ou utilizada de forma precipitada e acabar por ter uma capacidade de poder inferior a uma quantia total menor, porém, muito melhor realocada e assim revertida ou investida de maneira mais proveitosa.

Um exemplo atual é o fato de países, como o Brasil, conseguirem ter um PIB mais elevado que países como a Coreia do Sul e Canadá, mas sua capacidade de parcerias e investimento é inferior e a qualidade da barganha não é tão elevada, ou seja, o seu volume total de dinheiro não transforma o país em um articulador do Hard Power em sua vertente econômica. Ou um exemplo histórico, como na situação do fim da Primeira Guerra Mundial, onde as principais potências europeias estavam destruídas, os Estados Unidos, então, passaram a ser credores para que essas economias se reerguessem e reconstruíssem seus Estados (HOBSBAWM, 2002, p.101). Essa articulação norte-americana da época foi uma maneira de transformar o volume econômico em Hard Power em sua vertente econômica.

Soft Power

O Soft Power é uma ferramenta de poder que não está restrita apenas aos Estados. Qualquer tipo de ator, seja estatal ou não-estatal, pode exercer o Soft Power devido a sua característica indireta, transnacional e não imediata. A questão que caracteriza o Soft Power é sua esfera que engloba aspectos ideológicos, sociais e culturais. Nye ressalta que o Soft Power deve ser essencialmente um meio sedutor, ele deve atrair o ator a querer imitar quem exerce tal poder, não o obrigar ou coagi-lo a fazer o que se deseja. Meios que o obriguem seriam encaixados em características de Hard Power.

Há um cuidado, também, na questão da influência, pois há maneiras recompensatórias e ameaçadoras de influenciar. O Soft Power é uma articulação sedutora de poder, ele coopta as pessoas a quererem ser iguais ao invés de obriga-las a tal. O Soft Power tem a sua principal característica de acordo com conceitos ideais e culturais mais próximos com o que prevalece como uma norma global (NYE, 2002, p.123). Atualmente, conceitos como democracia, paz, liberdade, pluralismo, autonomia, liberalismo, igualdade, prosperidade, sustentabilidade, desenvolvimento, instituições fortes, política externa e sistemas seguros, são vistos como globalmente positivos, portanto, fazem parte do que é entendido por Soft Power.

A abrangência dos meios de sedução deve ser exposta como inclusiva para qualquer tipo de pessoa, do contrário ele afetaria outros conceitos como a democracia. A liberdade e prosperidade podem ser, caso o Estado as possua, uma forma de Soft Power. Se bem exercidas e demonstradas, a liberdade e a prosperidade se tornam metas de valores que outros Estados e atores podem querer para si de forma voluntariosa e seduzida. Como enfatiza Nye (2002, p.37): “Se eu conseguir levá-lo a *querer* fazer o que eu quero, não precisarei obrigá-lo a fazer o que você *não* quer.”

Um exemplo da efetividade do Soft Power é o movimento conhecido como *American Way of Life* consolidado de forma definitiva nos anos de 1930, o efeito da difusão em massa dos meios de comunicação foi fundamental para que a música e a indústria do cinema hollywoodiana pudessem atingir as mais variadas partes do mundo. Com toda essa influência consumida as outras culturas passaram a absorver aquilo que mais as seduziam (GONÇALVES, 2008).

De acordo com a compreensão de Nye, o Hard Power, poder militar e econômico, e o Soft Power, fonte de poder sedutor ideológico-social-cultural, devem ser complementares para que um Estado consiga manter sua posição de hegemonia, ou vir a ser um ator hegemônico, não podendo se focar em apenas uma dessas duas fontes de poder, e sim nas duas, para que sejam complementares e efetivas (NYE, 2002).

Hard Power, Soft Power e a Interdependência Complexa

A relação da Interdependência Complexa com o Paradoxo do Poder Americano é evidenciada quando os Estados Unidos têm a capacidade militar de subjugar qualquer

outro Estado, mas não o pode fazer, pois tal afetaria a Interdependência de maneira direta em sua terceira característica, quando em uma região de interesse; quando não, pode afetar o Soft Power, pois há interesse norte-americano em todas as regiões do globo onde há um ator, ou conjunto de atores, capazes de serem uma ameaça.

Eliminar um jogador forte do Sistema Internacional é uma medida para que se evite que este tenha força o suficiente para ameaçar a hegemonia norte-americana, assim elimina-se uma hipotética ameaça ao poder americano. O Paradoxo se torna presente na medida em que este mesmo jogador que pode ameaçar o poder americano é um importante parceiro, seja econômico ou político dos Estados Unidos; assim, o mesmo jogador que reforça seu poder, e mantém relações de poder com os Estados Unidos, é o jogador que poder vir a ser uma potencial ameaça do poder americano.

A característica três da Interdependência Complexa evita que um Estado direcione sua força militar para um da região de interesse, mas, para que não seja subjugado o Estado deve ter um poder militar forte, isso faz com que o jogador seja um articulador de Hard Power.

A característica dois da Interdependência deixa claro que a questão militar não é o foco principal da Agenda Internacional, assim sendo, temas correlatos ao Soft Power, como a questão do clima e o combate a escravidão, se tornam mais evidentes. Aquele Estado que se adequar melhor aos conceitos aceitos como normas globais à agenda terá um bom exercício do Soft Power.

Sendo o jogo internacional inevitavelmente uma relação de atos entre Estados, ou, em certos aspectos, atores não-estatais, ele acaba por se caracterizar como uma interação interestatal, transgovernamental ou uma relação transnacional, o que acaba por ser a característica primeira da Interdependência, seja ela de Hard Power ou de Soft Power.

O Tabuleiro de Xadrez Tridimensional: As Camadas da Distribuição do Poder no Sistema Internacional

A Camada Superior é correspondente à questão bélica do Estado, toda esfera que envolva, de alguma forma, a questão militar, seja direta ou indireta, pode ser entendida como um ato referente à Camada Superior. Assim como no Hard Power, esta camada não é restrita ao ato de guerra propriamente dito. Conflitos armados e

intervenção militar são tidos como últimos recursos dentro da esfera bélica, mas até que se cheguem à necessidade do uso efetivo da força, outras ferramentas são utilizadas.

Assim como explicado na parte do Hard Power, questões de persuasão, indução e dissuasão que estejam ligados à recompensa ou medo, tendo como instrumento de ação qualquer esfera do poder militar do Estado, é uma ação dentro da Camada Superior. A questão da produção de armamento, equipamentos e tecnologias bélicas estão ligadas a esta camada. A atuação do Estado dentro da Camada Superior é relativa e comparativa aos outros atores.

Na configuração atual do Sistema Internacional quem detém poderio bélico suficiente para ser um jogador da Camada Superior é aquele Estado que possuir condição militar de subjugar os demais. O armamento mais indicado para atuar nessa camada é a utilização de armas nucleares (NYE, 2002, p.35), sendo que nem todos os Estados estão aptos a ter produção desse tipo de armamento o jogo dentro da Camada Superior se torna restrito para poucos prováveis atores.

Atualmente apenas nove Estados possuem ogivas em seus arsenais bélicos, dentre eles, cinco são membros permanente do Conselho de Segurança da ONU: Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China. Isso dá a estes atores mais Hard Power para atuar na Camada Superior do que aos outros quatro, Índia, Paquistão, Israel e Coreia do Norte. Além do número de ogivas dos cinco membros permanentes ser consideravelmente superior, enquanto só os Estados Unidos agregam mais de sete mil ogivas, os quatro países não membros, juntos, possuem cerca de 320 (<http://www.icanw.org/the-facts/nuclear-arsenals/>).

Tal fato já elimina os quatro do jogo na Camada Superior por não ter capacidade suficiente de subjugar os demais, além do fato de não terem poder político dentro do Conselho de Segurança. Dentre estes cinco, China, França e Reino Unido possuem cerca de 775 ogivas, como já dito antes, Estados Unidos mais de sete mil e a Rússia oito mil (<http://www.icanw.org/the-facts/nuclear-arsenals/>). Ficariam, portanto, Rússia e Estados Unidos como potenciais jogadores exclusivos da Camada Superior do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional.

Porém, Nye coloca, em sua teoria, que os Estados Unidos são o único jogador na Camada Superior, tal se dá pelo fato de serem os únicos com armas nucleares de alcance intercontinental somado ao fato da sofisticação, tanto naval quanto terrestre, com

possibilidade de atuação global (NYE, 2002, p.80). Apesar de investimentos militares parelhos a contingência militar, em termos gerais, é maior o lado norte-americano da disputa, tendo mais que o dobro de tropas disponíveis (<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html> e <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>).

Em outros momentos históricos a camada teve múltiplos jogadores. Como por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial quando as forças Aliadas e as potências do Eixo possuíam contingentes de forças armadas muito similares (HARRISON, 1998, p.29), tornando esta camada uma disputa multipolar, ou seja, mais de dois jogadores nesta dimensão. Ou mesmo durante a Guerra Fria onde Estados Unidos e União Soviética disputavam a hegemonia do poder no mundo. Neste momento ambos eram jogadores fazendo a camada ser bipolar, dois jogadores na mesma dimensão.

Portanto, tal camada é onde se encontra o menor número de jogadores. Devido a sua grande exigência de preparação bélica e as esferas militares, nota-se que a Camada Superior do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional é articulada pelo Hard Power. Dentro do entendimento do necessário para se tornar um jogador tridimensional, os Estados Unidos se mostraram aptos dentro do primeiro requisito, sendo, no momento um jogador na primeira camada (unidimensional).

A Camada Intermediária é o nível que corresponde ao âmbito econômico do Estado. O poder da economia expresso nesta camada não é voltado exclusivamente para o volume bruto de capital que um Estado é capaz de gerar. Um grande montante financeiro é muito importante, mas o PIB não pode ser a única medida para que se entenda que um ator é um jogador dentro da Camada Intermediária do Tabuleiro (NYE, 2002, p.35). Por exemplo, países com PIB elevado em relação a outros, como o Brasil e México, são Estados em desenvolvimento, ou de industrialização tardia, enquanto outros com um PIB menor, em relação a estes dois, como Coreia do Sul, Bélgica e Suíça, são Estados desenvolvidos.

Uma questão importante para que se defina um jogador neste nível é a capacidade e a habilidade do ator de articular esse valor bruto financeiro em investimentos que o beneficiem de alguma forma. Se um Estado possuir um conhecimento técnico ou uma tecnologia que o auxilie no investimento em um certo setor, em uma dada situação hipotética, onde o seu montante menor gere mais lucro que

um outro Estado com um montante maior, mas não tão avançado tecnologicamente em relação ao primeiro, faz o poder econômico do primeiro Estado seja superior em relação ao segundo, levando em conta o aspecto do capital dentro desta camada.

A questão dentro da Camada Intermediária que pode vir a se tornar um erro, é imaginar que a mesma corresponde exclusivamente à riqueza monetária de um ator. Apesar de ser importante, ela deve atuar em parceria com articulações políticas que sejam correlatas à economia. As parcerias são importantes para que se consiga uma boa atuação dentro do cenário econômico, parcerias auxiliam Estados a se fortalecerem dentro de uma produção, ou um setor de investimento. Esse tipo de articulação em parceria é claramente uma maneira de estreitar laços entre atores, mas a retaliação é algo que está presente dentro do que os Estados precisam para se tornarem bons jogadores nesta camada. Sanções, embargos e suspensão de subsídios são maneiras de demonstrar que o poder econômico de quem retalha é superior com relação àquele que sofreu com a retaliação.

Algumas Organizações Internacionais com o seu foco voltado para a economia podem ser entendidas como uma maneira do Estado se fortalecer dentro do cenário internacional. A balança de poder pesa a favor de um membro de uma organização do tipo quando ele consegue uma articulação melhor dentro da organização. Essa articulação mais desenvolvida demonstra que o país tem mais poder econômico-político que os outros, um exemplo dessa balança pesar mais para um lado é o que ocorre no FMI (Fundo Monetário Internacional) onde os Estados Unidos se destacam tendo o maior percentual individual das cotas e o único Estado com poder de veto, os outros quatro maiores cotistas são Alemanha, França, Japão e Reino Unido, os quais não tem o mesmo poder (<http://www.imf.org/external/np/sec/memdir/eds.aspx>).

No fato da balança pesar a favor dos Estados Unidos se repete em outra Organização Internacional do tipo, o Banco Mundial, onde todos que já foram presidentes da organização são cidadãos norte-americanos (<http://www.worldbank.org/en/about/archives/history/past-president>). Ambas as organizações possuem sua sede nos Estados Unidos. O lastro da moeda também é uma forma de mostrar poder econômico, quanto maior o lastro da moeda maior seu potencial econômico. Mais uma vez os Estados Unidos despontam com vantagem em relação a outros Estados quando, no pós Segunda Grande Guerra, o dólar foi implementado com o Conjuntura Global, vol. 5 n. 1, jan./abr., 2016, p. 65-80.

seu valor ligado ao padrão ouro a partir da definição do Sistema de Bretton Woods (<http://www.imf.org/external/about/histcoop.htm>).

Atualmente, na questão da moeda, o Euro se fixa como concorrente, em termos de peso e lastro, em relação ao dólar. Muito se deve pela força econômica que a unificação da moeda ganhou com a criação da União Europeia e a poder econômico de algumas das principais economias do mundo, como Alemanha, França e Reino Unido.

Diferentemente da Camada Superior, a Camada Intermediária não é uma camada unipolar, apesar dos Estados Unidos levarem alguma vantagem em relação aos outros jogadores em certos momentos. Existe paridade de negociação entre os Estados Unidos e a Europa, além do grande nível de produção mundial, sendo que ambos dividem fatia considerável da produção mundial com o Japão e a China (NYE, 2002, p.80).

Nota-se, portanto, que a Camada Intermediária tem um número maior de jogadores, o que a torna um nível multipolar de disputa. Entende-se que assim como a Camada Superior, esta camada é uma fonte de Hard Power. Os Estados Unidos se encontram como jogador nas duas primeiras camadas do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional o que faz com que seja um jogador bidimensional até aqui preenchendo os dois primeiros requisitos do jogador tridimensional.

A Camada Inferior, terceira e última camada, compete à parte mais abstrata do Tabuleiro. Nele, a efetividade vai além dos limites fronteiriços do Estado, e é onde ocorrem as relações transnacionais. Nesta camada o poder não está restrito ao Estado, uma parte considerável dos jogadores são os atores não-estatais, que podem ser reconhecidos porque o Soft Power escapa do controle que o Estado pode exercer e sobre quem essa fonte de poder vai ou não afetar (NEY, 2002, p.80-81). Aspectos como o idioma ajudam a consolidar o Soft Power. Atualmente o idioma mundialmente difundido é o inglês, o que ajuda na disseminação do estilo de vida e na promoção de cultura de países ou atores anglófonos.

Nye ressalta que para o pleno entendimento de como se exerce o Soft Power é necessário que se compreenda a diferença entre uma influência e a sedução, pois existem maneiras de influenciar por meio do Hard Power, seja o militar, seja o econômico, portanto, a influência não necessariamente é uma forma de fazer a pessoa, ou quem quer que seja o influenciado, a querer o que você quer. Já a sedução, que é o

que define o Soft Power, leva a pessoa a querer ser igual a você, seja intencionalmente ou não.

O Ator pode sim querer ser visto como uma fonte de Soft Power sendo visto como um exemplo de liberdade e prosperidade, mas pode ser que essa sedução seja feita de maneira não intencional, como expressões culturais que sejam atrativos para outros grupos ou pessoas. O Soft Power pode ser um atrativo mesmo para inimigos militares (NEY, 2002, p.25), como é o perceptível caso de Estados Unidos e Coreia do Norte. O ditador do país asiático é conhecido pelo seu gosto por expressões culturais norte-americanas como o basquete da NBA e os personagens da Disney (<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/lista-reune-polemicas-curiosas-envolvendo-o-ditador-norte-coreano.html>).

O Estado, em certas ocasiões, pode ser afetado de maneira negativa pelo Soft Power. Quando questões que são vistas como normas globais, e que se enquadrem dentro do aceite como tais, estão sendo reivindicadas pela população local e o Estado opta por reprimir, sua imagem no cenário internacional pode acabar sendo afetada negativamente, como ocorreu em Taiwan e Coreia do Sul na década de 1980 quando a população exigia por democracia e os respectivos Estados reprimiam tais atos (NYE, 2002, p.96).

Segundo Nye, alguns Estados se destacaram no cenário mundial, cada um em seu século, tendo o Soft Power como grande colaborador dessa hegemonia. Ele destaca a administração pública e a cultura da França do Século XVIII, a coesão política e as normas liberais da Grã-Bretanha do século XIX, já nos séculos XX e XXI os Estados Unidos despontam como o principal Estado hegemônico na Camada Inferior do Tabuleiro, pontuando vertentes como: liderança científica e técnica, cultura universalista, regimes internacionais liberais, liderança tecnológica e sendo o centro de comunicações transnacionais (NYE, 2002, p.43).

De acordo com Nye todo poder depende do contexto, que varia dependendo das circunstâncias e da interpretação dos envolvidos, além do mais, a atração tem o efeito que não é tão fácil de ser observada, sua ação é mais difusa por não ter um efeito diretamente observável (NYE, 2004, p.16).

Durante a década de 1930, o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, usou a política da boa vizinhança, que aproximava política e

tecnologicamente os Estados Unidos da América Latina, como uma articulação política de Soft Power para conseguir apoio político durante a Segunda Grande Guerra (NYE, 2004, p.9). Essa ação tomada pelo presidente americano pode ser entendida como a compreensão de que a atração é uma fonte de poder muito interessante para o Estado.

Um líder que valora seus atrativos políticos, culturais e democráticos será foco de admiração para outros Estados que tenderam a ver esse modelo como uma autoridade moral a ser seguida e copiada. Assim, eles não são obrigados a fazer o que não querem, são seduzidos a fazerem. Isso é muito mais vantajoso para a liderança de um hegemônico (NYE, 2004, p.6). O Estado que possuir maior poder atrativo ganhará essa disputa por legitimidade e credibilidade. A informação é fundamental para que se acredite em tal legitimidade e credibilidade, uma forma que um governo tem de passar todos esses aspectos são as relações diplomáticas entre Estados (NYE, 2004, p.31).

Como já exposto anteriormente, o Soft Power não é restrito ao Estado, visto que grande parte desse poder está ligado a atores não-estatais. A indústria cultural norte-americana é uma grande fonte de Soft Power, o que nos faz compreender que tanto o Soft Power ligado ao Estado como o Soft Power ligado a atores não-estatais fazem dos Estados Unidos um jogador dentro desta Camada (NYE, 2004, p.73).

Na Camada Inferior, como visto anteriormente, estão as questões sociais, culturais e ideológicas, onde não só os Estados, mas também os atores não-estatais se articulam dentro desta camada. Na Camada Inferior não é conveniente falar sobre unipolaridade, bipolaridade, multipolaridade ou hegemonia devido à característica de difusão pouco compreensível que o Soft Power possui. O que se pode notar é a atuação norte-americana na Camada Inferior, isso, unido ao fato de ser um ator nas outras duas camadas, faz com que os Estados Unidos sejam o jogador tridimensional no Tabuleiro de Xadrez Tridimensional.

O Jogo no Tabuleiro de Xadrez Internacional

Com as Camadas do Tabuleiro definidas e delimitadas, entendemos que o poder se torna mais complexo e competitivo. Tradicionalmente, entendia-se uma grande potência de acordo com o seu poderio bélico. O Tabuleiro, no entanto, mostra-nos que o jogador que se empenha ou se limita a articular toda a sua fonte de poder ligado ao

militarismo se torna um jogador unidimensional, e ser um jogador unidimensional dentro de um jogo tridimensional tira qualquer chance de ser bem-sucedido. O atual nível de interdependência entre os Estados anula essa visão militarista nas correlações dos atores, já que ela coloca a segurança militar em primeiro lugar na agenda, infringindo a característica dois da Interdependência Complexa.

A efetividade direta do Hard Power, que vemos presente tanto na Camada Superior quanto na Camada Intermediária, pode dar a impressão de um jogador forte dentro do cenário internacional. O âmbito militar e o econômico fazem um jogador de fato forte, se bem articulado dentro dos dois. No entanto, esse jogador não é forte o suficiente para se tornar hegemônico, pois, está suscetível a ser subjugado por outro jogador que tenha boa articulação dentro das três camadas.

O processo de manutenção ou obtenção de hegemonia passa pela boa articulação das três camadas do Tabuleiro. Como vimos durante a explicação das camadas, os Estados Unidos se mostraram como o único ator que possui uma boa atuação dentro dos três níveis. Entendemos, portanto, que dentro da articulação do poder no cenário internacional o poder norte-americano é aquele que se apresenta como hegemônico segundo a teoria do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional de Joseph Nye.

Com o entendimento dos conceitos do Tabuleiro, abre-se à possibilidade de utilizá-los para buscar uma análise de como as potências se articulavam dentro de cada camada de acordo com seu contexto histórico. Seja na multipolaridade militar dentro do contexto da Segunda Grande Guerra, ou mesmo o mundo bipolar durante Guerra Fria ou até mesmo para conceitos que englobem temas atuais, como a guerra contra o terrorismo que não só o Hard Power militar e econômico é suficiente, mas a articulação do Soft Power, também, que visa um mundo mais democrático e pacífico, segundo a visão que é entendida como normal global aceita atualmente.

Sendo portadora de ambos os tipos de poder, o Soft e o Hard Power, uma nação se torna um jogador Tridimensional o que causa, por consequência, um desequilíbrio em relação aos outros Estados, já que nem todos possuem a articulação necessária para se tornarem jogadores tridimensionais. Logo, tais Estados não estão aptos a fazerem frente a essa potência dominante, o que gera uma incapacidade de equilíbrio na balança de poder no sistema internacional.

Com a balança do poder no Sistema Internacional desequilibrada a favor dos Estados Unidos, o ator hegemônico não virá a se tornar alvo de ameaça de qualquer Estado, o que causa uma situação de uma suposta “estabilidade pacífica” no Sistema Internacional em decorrência da incapacidade de um novo equilíbrio da balança de poder. Ao mesmo tempo em que o desequilíbrio da balança causa uma instabilidade no cenário internacional para os Estados Unidos, ele não vê como objetivo subjugar qualquer um que seja o possível ameaçador do seu poder, para que não afete nenhuma das três características de sua Interdependência Complexa.

Considerações finais

Desta forma, após o entendimento dos conceitos propostos por Joseph Nye para Hard Power e Soft Power, podemos identificar como cada uma dessas fontes de poder se encaixam dentro do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional. Assim, o jogador pode se utilizar delas para que um Estado consiga estabelecer ou conquistar a hegemonia dentro do Cenário Internacional. Vimos que o Hard Power se divide em dois, sendo um o militar e o outro econômico. Esta divisão deixa claro o que cada jogar precisa para ser atuante na respectiva camada do tabuleiro, sendo o militar a Camada Superior e o econômico a Intermediária.

Na Superior identificamos que atualmente os Estados Unidos atuam de maneira exclusiva. Já na Intermediária o jogo é multipolarizado, atores como a União Europeia, o Japão, a China e, novamente, os Estados Unidos, disputam o poder no atual contexto. Com o Soft Power notamos que não faria sentido tratar a Camada Inferior como unipolar ou bipolar, devido a sua complexidade e a intangibilidade que permite qualquer ator exercer o Soft Power e se tornar um jogador desta camada. Não podemos tratar de hegemonia neste ponto, mas podemos notar quem lá atua, e mais uma vez os Estados Unidos se apresentam, provando ser, atualmente, o único jogador tridimensional.

Concluimos que como o único jogador tridimensional atualmente no Sistema Internacional, os Estados Unidos se mostrou um ator bem articulado dentro das três camadas, não se restringindo a ser apenas um jogador unidimensional ou bidimensional isso lhe dará poder suficiente para evitar ser subjugado por outro ator que consiga

Conjuntura Global, vol. 5 n. 1, jan./abr., 2016, p. 65-80. 79

desempenhar um papel uni ou bidimensional dentro do Tabuleiro de Xadrez Tridimensional e sua complexa relação entre os atores no atual Sistema Internacional.

REFERÊNCIAS

- CIA (Central Intelligence Agency) The World Factbook. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html> e <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html> Acesso em: 11/01/2015.
- G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/lista-reune-polemicas-curiosas-envolvendo-o-ditador-norte-coreano.html> Acesso em: 28/01/2015.
- GONÇALVES, Mauricio Reinaldo. *O American way of life no cinema de Hollywood, na imprensa e na sociedade brasileiras dos anos trinta*. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2008. Disponível em: http://www.brasa.org/Documents/BRASA_IX/Mauricio-Goncalves.pdf Acesso em: 14/05/2014.
- GUERALDI, Ronaldo G. *A Aplicação do Conceito de Poder Brando (Soft Power) Na política Externa Brasileira*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. 2005. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3552/ACFC3.pdf?sequence=1> Acesso em: 15/05/2014.
- HARRISON, M. *The economics of World War II: an overview*. Cambridge, Estados Unidos: Cambridge University Press, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ICAN (International Campaign to Abolish Nuclear Weapons). Disponível em: <http://www.icanw.org/the-facts/nuclear-arsenals/>, Acesso em: 11/01/2015.
- INTERNATIONAL MONETARY FOUND, Cooperation and reconstruction (1944-71) Disponível em: <http://www.imf.org/external/about/histcoop.htm> Acesso em: 24/04/2015
- INTERNATIONAL MONETARY FOUND, IMF Executive Directors and Voting Power. Disponível em: <http://www.imf.org/external/np/sec/memdir/eds.aspx> Acesso em: 24/04/2015.
- NYE, Joseph S. *Paradoxo do Poder Americano*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- NYE, Joseph S; KEOHANE, Robert, *Power and Interdependence*, Estados Unidos, Longman, 2001.
- NYE, Joseph S. *Soft Power*, New York, Estados Unidos: Public Affairs, 2004.
- WORLD BANK, Past Presidents Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/about/archives/history/past-president> Acesso em: 24/04/2015.